

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CATIA REGINA CAMARGO OLIVEIRA

***QUARTO DE DESPEJO* – DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA
MARIA DE JESUS:
UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA OBRA DENTRO DA LITERATURA
AFRO-BRASILEIRA E MEMORIALISTA**

**Bagé/RS
2022**

CATIA REGINA CAMARGO OLIVEIRA

***QUARTO DE DESPEJO* – DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA
MARIA DE JESUS:
UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA OBRA DENTRO DA LITERATURA
AFRO-BRASILEIRA E MEMORIALISTA**

**Bagé/RS
2022**

CATIA REGINA CAMARGO OLIVEIRA

***QUARTO DE DESPEJO* – DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA
MARIA DE JESUS:
UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA OBRA DENTRO DA LITERATURA
AFRO-BRASILEIRA E MEMORIALISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras – Português e Literaturas de
Língua Portuguesa da Universidade
Federal do Pampa, como requisito
parcial para obtenção do Título de
Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Denise
Kelm

**Bagé/RS
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

0048q Oliveira, Catia Regina Camargo

Quarto de despejo - diário de uma favelada, de Carolina
Maria de Jesus: um estudo sobre a importância da obra dentro
da Literatura afro-brasileira e Memorialista / Catia Regina
Camargo Oliveira.

38 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LÍTERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2022.

"Orientação: Miriam Denise Kelm".

1. Carolina Maria de Jesus. 2. Literatura Afro-brasileira.
3. Literatura Memorialista. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

CATIA REGINA CAMARGO OLIVEIRA

QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS: UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA OBRA DENTRO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E MEMORIALISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 09 de março de 2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Thiago Santos da Silva
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/03/2022, às 14:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **THIAGO SANTOS DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/03/2022, às 15:05, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/03/2022, às 15:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0761275** e o código CRC **99D48D26**.

Referência: Processo nº 23100.004974/2022-53 SEI nº 0761275

Dedico este trabalho de pesquisa a todo povo Afro, que apesar de ser um povo forte foi subjugado pela cor da pele, não sendo reconhecido e ficando à mercê do homem branco que o escravizou e o injustiçou.

Devemos acabar com este preconceito que impera até os dias atuais, ensinando que somos todos iguais independentemente da cor.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço ao meu criador Jeová Deus e seu filho Jesus Cristo por ter me sustentado até aqui, mesmo com grandes dificuldades, não permitindo que eu desistisse quando parecia já ter chegado ao meu limite. Agradeço ao meu esposo, meus filhos e netos por muitas vezes não poder estar presente junto de suas atividades familiares, por estar focada nos estudos.

Agradeço em especial a minha nora-filha Camila Fernandes que sempre esteve ao meu lado me apoiando e incentivando em todos os momentos da minha vida acadêmica.

Agradeço a UNIPAMPA por contribuir com minha formação através dos mestres do curso de Letras. Em especial ao Professor Thiago Santos da Silva, Coordenador do curso, por ser tão preocupado com seus alunos e se colocar em nosso lugar e ajudar em tudo que lhe era possível, também à professora Vera Medeiros e Lucia Britto Corrêa por serem tão acolhedoras comigo.

Um agradecimento muito especial a minha professora orientadora Miriam Denise Kelm, que sempre foi um exemplo que quero seguir, pelo carisma, orientações com toda delicadeza, olhando olho no olho, muito obrigada por cada puxão de orelha e também pelos conselhos e compreensão devido as minhas dificuldades.

Agradeço pelos colegas de curso, muitos dos quais levarei no meu coração, pois não cheguei até aqui só. Serão sempre amigos.

Enquanto suspirarmos por uma vida sem dificuldade devemos nos lembrar que o carvalho cresce forte através de ventos contrários e que os diamantes são formados sob pressão.

(Peter Marshall)

É nas dificuldades que nós nos tornamos fortes.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem o objetivo de mostrar a obra da escritora Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo* – Diário de uma favelada (1960), mostrando a voz da mulher negra dentro da Literatura afro-brasileira e memorialista, demonstrando quão importante foi esta autora que denuncia a desigualdade social e a pobreza, os preconceitos de gênero e cor, num país em evolução na década de 50 a 60, onde, por meio dos seus escritos, Carolina Maria de Jesus expõe todo o sofrimento vivido por ela e seus vizinhos de infortúnio na favela do Canindé na capital paulista (SP). Senti o desejo de conhecer mais sobre a autora e sua obra, pois apesar de ser tão importante na literatura afro-brasileira e memorialista hoje, não se dá o devido valor, mesmo que traga relatos tão atuais. Quando comecei a pesquisa, logo em seguida no dia 25/02/2021, Carolina Maria de Jesus foi agraciada por unanimidade com o título Dr. *Honoris Causa* pela UFRJ. Depois desse acontecimento, notei que a mídia tem dado mais destaque a ela. Como resultados, apresento dados biográficos da autora e a localizo na literatura afro-brasileira e memorialista, com sua obra *Quarto de despejo*. Esta pesquisa é de ordem bibliográfica e os principais autores que a fundamentam são: Eduardo de Assis Duarte, Conceição Evaristo, Maria Nazareth Soares, Denise Gabriel Witzel entre outros, assim como *sites* com materiais consultados, artigos e entrevistas.

Palavras-Chave: Carolina Maria de Jesus. Literatura afro-brasileira. Literatura memorialista.

RESÚMEN

Este trabajo de investigación tiene como objetivo mostrar la obra de la escritora Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo* – Diário de uma favelada (1960), mostrando la voz de las mujeres negras dentro de la literatura afrobrasileña y memorialista, demostrando cuán importante fue esta autora que denuncia la desigualdad social, la pobreza, el género y los prejuicios de las mujeres negras en un país en evolución en las décadas de 1950 a 1960, donde a través de sus escritos, Carolina Maria de Jesus expone todo el sufrimiento experimentado por ella y sus vecinos de desgracia en la Favela do Canindé en la capital de São Paulo (SP). Sentí el deseo de saber más sobre la autora y su obra que a pesar de ser tan importante en la literatura afrobrasileña y memorialista, no se le da el debido valor que trae informes tan actuales. Cuando comencé la investigación, poco después el 25/02/2021, Carolina María de Jesús fue galardonada por unanimidad con el título *honoris causa*, pela UFRJ. Después de este evento, noté que los medios la han destacado. Presento datos biograficos e localizo esta autora en la literatura afro-brasileña y memorialista, con su obra *Quarto de despejo*. Esta investigación es bibliográfica y los principales autores que se basan son: Eduardo de Assis Duarte, Conceição Evaristo, Maria Nazareth Soares, Denise Gabriel Witzel entre otros, como sitios *web* con materiales consultados, artículos y entrevistas.

Palabras-clave: Carolina Maria de Jesus. Literatura afro-brasileña. Literatura memorialista.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	APRESENTAÇÃO DA AUTORA E DA OBRA.....	14
3	<i>QUARTO DE DESPEJO</i> NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.....	19
	3.1 Temática.....	21
	3.2 Autoria.....	22
	3.3 Ponto de vista.....	23
	3.4 Linguagem.....	24
	3.5 Público.....	25
4	<i>QUARTO DE DESPEJO</i> NA LITERATURA MEMORIALISTA.....	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
6	REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem como tema apresentar a obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo – Diário de uma favelada* (1960), mostrando a importância da mesma dentro da Literatura Afro-Brasileira e Memorialista, destacando a voz da mulher negra na sociedade brasileira. Apresentaremos a autora Carolina Maria de Jesus como uma mulher negra que se sobressai e supera as suas circunstâncias, através da escrita de um diário, o qual será estudado neste Trabalho de Conclusão de Curso. Temos como objetivos tornar a obra de Carolina Maria de Jesus mais conhecida pelo público leitor; apresentar o diário *Quarto de despejo* como um texto que mostra a perspectiva feminina, revelando a vida de certo extrato social: mulher negra, favelada, com dificuldades de sobrevivência, lutando numa sociedade desigual; estudar a Literatura Afro-Brasileira e suas características, demonstrando que a obra de Carolina Maria de Jesus pode ser vista dentro deste acervo e também dentro da Literatura Memorialista, e ainda mostrar como a obra da autora é relevante e atual diante das lutas sociais por igualdade étnica em nossa sociedade.

Por estar cursando Licenciatura em Letras na Universidade Federal do Pampa (Campus Bagé/RS), dentro do componente curricular Literatura Memorialista, no primeiro semestre do ano de 2018, tomei conhecimento da obra *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus.

Desde então, senti a necessidade de falar sobre esta obra e sua autora, pela importância da mesma e o fato de não ser conhecida do público em geral. Carolina Maria de Jesus mostra em seu diário uma realidade cruel vivenciada por ela e que atravessa o tempo, chegando até nossos dias, onde a desigualdade social e econômica é imensa, ainda mais vinda de uma mulher negra e mãe solo, não sendo valorizada na época, entre os anos 1940-1960. Mas ela não foi moldada pela etnia racial e precisa ser vista com outro olhar; o Brasil tem de reconhecer esta grande mulher como autora, poetisa, cantora, com muita importância na Literatura Brasileira.

Carolina tinha um pensamento crítico-social não sendo apenas uma simples catadora de papelão, deixando nos seus escritos, através de seu diário (hoje reconhecido pelos especialistas como pertencente à Literatura Memorialista e Afro-Brasileira), uma linguagem verdadeira e transparente, onde se percebe a fala de alguém que viveu de perto tudo que relata em seus escritos. Ela mostra, para quem lê seu diário, um tipo de vida, principalmente a das mulheres negras, que iriam se identificar por viver uma situação igual à dela ao redor do mundo, onde mulheres não tinham voz. É como um grito de alerta e desespero para chamar a atenção das autoridades em relação aos menos favorecidos em situação de desigualdade social. Por onde percorressem seus escritos, tudo que ela viveu seria conhecido por meio de seu diário, suas memórias. Carolina Maria de Jesus apresenta de forma impactante que a mulher, e principalmente a negra, tem menos valor aos olhos da sociedade que não as valoriza como iguais.

A autora ressalta também questões sobre saneamento básico como: moradia precária, esgoto a céu aberto, convivência com o lixo, miséria, fome e falta de educação aos filhos, etc. Entre tantas desigualdades, ela mostra em seus relatos um espaço pouco conhecido na época: a favela do Canindé no estado de São Paulo, na capital paulista na década de 1950, para o público do Brasil. Mostra um país que pouco investe nos mais necessitados, este alerta vem justamente de uma mulher negra, favelada, que queria ser ouvida, sabia o que dizia perfeitamente, não se calando em meio a tanto sofrimento e frustrações por ter vivido uma realidade tão cruel, como uma das primeiras autoras negras publicadas no Brasil no século XX. Por todos esses motivos, achamos que é importante torná-la mais conhecida entre os estudantes universitários e pessoas em geral.

Esta pesquisa é de ordem bibliográfica e os principais autores que a fundamentam são: Eduardo de Assis Duarte, Conceição Evaristo, Maria Nazareth Soares Fonseca, Denise Gabriel Witzel e Nícia Cecília Ribas Borges, Marcio Fernandes, Sandra Dimidiuk Basani e Scheyla Horst.

Além disso, consultamos vários *sites*, assim como artigos e entrevistas disponíveis na *web*.

2 APRESENTAÇÃO DA AUTORA E DA OBRA

Natural de Sacramento, sudeste de Minas Gerais, Carolina nasceu em 14 de março de 1914. De origem humilde, sendo neta de escravos e uma entre oito filhos de uma lavadeira analfabeta, ela desde muito pequena mostrava interesse de aprender a ler e escrever perguntando sobre tudo o que queria saber, seu apelido quando criança era Bitita.

Por incentivo de uma das freguesas (Maria Leite Monteiro) de sua mãe ela vai estudar no colégio Alan Kardec aos sete anos, cursando ali os dois primeiros anos do primário, onde aprende a escrever seu nome e então começa a se auto-reconhecer como Carolina, porque até ali achava que seu nome era Bitita. Sua mãe, não tendo como se manter na cidade, acaba indo morar na roça e tornam-se “bóias-frias”, sempre lutando com muitas dificuldades, passando fome, frio e não tendo muitas vezes onde morar. Carolina costumava ir até a casa da vizinha para fazer leituras, devido sua família ser humilde e não possuir livros em casa.

Em 1924, em busca de oportunidade, sua família se muda para Lajeado, onde começam a trabalhar como lavradores em uma fazenda. No ano de 1927, retornam para Sacramento, onde sua mãe foi acusada de roubo e, por isso, passaram alguns dias na prisão. Carolina estava sempre lendo e as autoridades da época achavam que ela lia para fazer feitiçaria. Após alguns dias as autoridades descobriram que elas não eram as autoras do roubo e as soltaram. Depois desse acontecimento Carolina não quis mais ficar em Sacramento e decide ir embora. Em 1930 vão morar em Franca - SP, onde Carolina trabalha como lavradora e empregada doméstica na casa de um médico, nos dias de folga pede para ficar no seu trabalho dentro da biblioteca aprofundando as leituras.

Com 23 anos, Carolina perde a mãe, em seguida, tem um relacionamento no qual fica grávida. Naquela época mães solteiras não podiam trabalhar em casa de família, então foi percorrer as ruas de São Paulo indo parar na favela Canindé, na capital paulista, no estado de São Paulo, onde ela mesma constrói seu barraco. Sua forma de sustento era

através da reciclagem e, nas horas vagas, registra o dia-a-dia da favela em cadernos encontrados no lixo.

Carolina foi mãe de três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice, todos de relacionamentos diferentes. Seus dias na favela causavam muita solidão, pois tinha uma relação turbulenta com seus vizinhos que tinham pouco estudo, era considerada pelos mesmos como uma pessoa esnobe e arrogante por falar de forma diferente.

As ideias vindas das leituras eram incessantes e apaixonantes para Carolina que, estimulada por esses relatos, realizava a escrita em seu diário e, ao mesmo tempo se curava da dor da pobreza por ter sua vida atravessada pela miséria e pela fome.

Em 1958, o repórter do jornal *Folha da Noite*, Audálio Dantas, foi designado para fazer uma reportagem sobre a favela do Canindé e presenciou uma cena que chamou bastante a atenção: Carolina discutia com meninos grandes para saírem dos brinquedos de uma pracinha que havia sido colocada no Canindé pelos políticos da época para crianças pequenas brincarem, ameaçando os adolescentes em colocar seus nomes em seu caderno, despertando assim uma curiosidade no jornalista que foi procurar Carolina com interesse em descobrir o que continha nesse caderno. Surpreso com o conteúdo que ali estava descrito, encontrou um diário com registros da vida dura que passavam na favela.

Encantado com os textos, Audálio os apresenta a um editor. No dia 19 de maio de 1958, Audálio publicou parte do texto, que recebeu vários elogios. Em 1959, a revista *O Cruzeiro* também publica alguns trechos do diário de Carolina. Em 1960, foi finalmente publicado o livro autobiográfico *Quarto de despejo* - Diário de uma favelada, com edição de Audálio Dantas. Com tiragem de dez mil exemplares, só na noite de autógrafos de *Quarto de despejo* foram vendidos 600 livros, de acordo com o site Brasil Escola: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/carolina-maria-jesus.htm>.

Carolina conta que, quando não tinha nada para comer escrevia em vez de reclamar e ficar chateada. Ela se sentia grata por ter tido o incentivo da leitura através da professora Laurita e ainda relata que é através dos livros que adquirimos boas maneiras, que sua paixão pela literatura se deu no convívio com essa professora que a aconselhava a ler e escrever tudo que vinha na mente, e que devia fazer revisões no

dicionário quando ficasse com dúvidas. Em uma entrevista, um repórter perguntou a Carolina: “Como alguém que não tem estudo consegue compreender e escrever?”. Ela respondeu: “Não é preciso ser letrado para compreender que a vida está nos humilhando”.

Com o sucesso das vendas, Carolina deixa a favela e pouco depois compra uma casa no Alto de Santana. Recebe homenagem da Academia Paulista de Letras e da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo.

Em 1961 viaja para a Argentina onde é agraciada com a *Orden Caballero Del Tornillo*. Nos anos seguintes publica: “*Casa de alvenaria: Diário de uma ex-favelada*” (1961), *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1965), conforme o site da Revista Galileu <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/03/quem-foi-carolina-maria-de-jesus>. Apesar de ter um livro transformado em *best-seller*, Carolina não se beneficiou com o sucesso e não demorou muito para ela voltar à sua condição de catadora de papel. No ano de 1969, se mudou com os filhos para um sítio no bairro de Parelheiros, em São Paulo, época em que foi praticamente esquecida pelo mercado editorial. Segue um trecho de seu livro, um poema no meio do diário, em que Carolina se refere a esta realidade:

Não digam que fui rebotalho,
que vivi à margem da vida.
Digam que eu procurava trabalho,
mas fui sempre preterida.
Digam ao povo brasileiro
que meu sonho era ser escritora,
mas eu não tinha dinheiro
para pagar uma editora.
(JESUS, 2001, p. 63)

A partir de 1960, Carolina conhece o sucesso e a fama ficando conhecida através das entrevistas e viagens, tornando-se assunto para renomados nomes como o de Manuel Bandeira; ainda nesta época lança dois livros e grava um LP com canções de sua autoria. Dessa maneira passa a ser conhecida em diversos países. Porém o sucesso durou pouco, como ela já dizia, Carolina tinha virado um artigo de consumo da moda, mas depois que a moda passou foi esquecida. Então retornou à antiga condição de catadora para garantir o sustento da família. Carolina morreu em 14 de agosto de 1977,

com 63 anos, cansada, asmática, totalmente esquecida pelo mercado editorial, morando em Parelheiros. Depois de sua obra principal: *Quarto de despejo*, as outras como: *Casa de alvenaria* - Diário de uma ex-favelada, *Provérbios* e *Pedaços de fome* não obtiveram tanto sucesso. *Quarto de despejo* - Diário de uma favelada foi a principal obra de Carolina, escrita em papéis de reciclagem, onde relata em suas páginas a dureza da fome, o cheiro do lixo, falando das dificuldades enfrentadas por brasileiros que vivem na miséria e a constante luta para conseguir alimentar seus filhos. A obra vem para retratar aquilo que não está perto dos olhos: onde as pessoas que na favela vivem estão em condições desumanas em meio a animais repugnantes e excrementos e ainda sobrevivem dos descartes. Dentro da favela junto com a pobreza, a fome e o racismo, existia também o preconceito, Carolina o enfrentava regularmente por ser mulher, negra, mãe solteira, dona de si e letrada. Diz ela: “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” (JESUS, 2001, p. 33)

Esse diário tornou-se um *best-seller*, ultrapassando a venda de 10 mil exemplares em uma semana, tendo oito edições no ano de seu lançamento. Foi traduzido para 16 idiomas, publicado em 46 países e é através dele que podemos despertar um olhar crítico e presenciar as desigualdades sociais; retrata claramente um país racista, pobre e preconceituoso, que muitas vezes é escondido pela mídia.

Já *Casa de alvenaria* - *Diário de uma ex-favelada*, relata a ascensão de Carolina, onde sai do lixão e passa a morar agora em uma casa de tijolos e tem sua própria renda para alimentar seus filhos, mas fica bastante incomodada com os pedidos de ajuda que recebe. Também a chateia a questão de não ter tempo para escrever devido a constantes eventos em que deveria estar presente. Mesmo tendo sua própria casa, seu dinheiro, às vezes se questionava se essa era a vida que sonhava. Fazia constantes reclamações de Audálio Dantas por querer controlá-la. Diz ela: “Estou indisposta e agitada pensando na minha vida trepidante. Todos os dias deparo-me com um aborrecimento” (JESUS, 2007, p.124).

Nesse livro ainda fala que mesmo em uma nova fase ainda enfrentava preconceito de que foi vítima ao contratar duas mulheres brancas para trabalhar em sua casa.

Carolina ainda lembra dos vizinhos da favela, continua lutando a favor da igualdade social, sempre que tem a mesa farta lembra dos antigos moradores do Canindé que, infelizmente, não obtiveram a mesma conquista. A autora critica os políticos que falam da fome sem saber o seu real significado, fala que os mesmos só descobriram a miséria no país depois que leram sua obra *Quarto de despejo. Casa de alvenaria - Diário de uma ex-favelada*, vem para dar continuidade ao *Quarto de despejo*. Agora Carolina pode receber as visitas na sala de estar; nesta obra podemos perceber as dificuldades enfrentadas por uma mulher negra e pobre para participar de outra classe social.

Pedaços de fome é um romance escrito por Carolina, que retrata a identidade feminina; fala da desigualdade de gênero e relata um casamento em que a mulher é submissa ao marido, submissão no sentido de que o homem a engana. A mulher ao casar com esse homem enganador passa a ter uma vida miserável, tendo que sustentar seus seis filhos e o seu marido através de trabalhos que foi obrigada a aprender como: doméstica, costureira e lavadeira de roupa. Nesse romance escrito por Carolina, mesmo sendo fictício, a autora se refere ao seu diário *Quarto de despejo*, onde ela diz que tem preferência em ser mãe solteira e sustentar seus filhos do que ter um marido que faz agressões e não provê o sustento.

Seu outro livro, *Provérbios*, é sobre racismo e desigualdade. As mesmas palavras que estão em *Quarto de despejo* servem para o que é mostrado aqui: “Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados” (JESUS, 2001, p. 173).

3 ***QUARTO DE DESPEJO NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA***

Essa pesquisa também tem como objetivo estudar o conceito do que é a literatura negra ou afro-brasileira, dentro da Literatura Brasileira. A literatura também pode ser vista como elemento fundamental na criação de uma nação, representando uma manifestação cultural importante.

A Literatura Brasileira seguiu os modelos da Literatura Portuguesa trazida pelos colonizadores, quando chegaram ao Brasil e introduziram os moldes da cultura portuguesa. As primeiras manifestações culturais brasileiras eram marcadas pelos modelos literários de Portugal, pois os escritores eram portugueses ou brasileiros com formação universitária em Portugal.

Antigamente as histórias sobre a população negra eram escritas e contadas por autores brancos e não transmitiam a voz do negro, causando assim os estereótipos. A literatura afro-brasileira não diz respeito a uma literatura que exclui ou separa, mas está relacionada à implantação das vozes que por muito tempo foram caladas. Conforme afirma Alves:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, de cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (ALVES, 2010, p. 42).

A literatura afro-brasileira vem para mostrar a voz do negro, através das suas histórias e da sua perspectiva. Podemos pensar que a literatura afro é uma forma de resistência e de busca por um espaço por onde as vozes negras possam reivindicar um lugar na Literatura Brasileira. Ela nos mostra um Brasil de desigualdades do qual muitas vezes não temos a consciência, e também nos leva a refletir sobre a contraposição social e racial sofrida pela população negra no Brasil.

Carolina Maria de Jesus traz nos escritos dos diários vivências do seu cotidiano de vida na favela, ela também retrata questões como a submissão a que o negro é condicionado, não tem voz ativa socialmente, sempre sendo colocado como uma sub-raça. Desde então, surge a necessidade do negro definir a sua própria identidade e construir uma consciência do que é ser negro. No campo da literatura, isso acontece no

momento em que o negro se assume como sujeito, libertando-se da imagem quase sempre estereotipada que lhe era atribuída até então.

A questão da linguagem também merece atenção, pois traz a memória de uma oralidade de raiz africana que é respeitada, dando poder à palavra. A literatura afro-brasileira se empenha nesses dois ângulos, tem uma dependência com essa oralidade e com a ancestralidade africana; a linguagem falada possui uma certa espontaneidade da dicção que acaba sendo tomada como forma de resistir ao mundo das normas, de acordo com Evaristo em <https://www.youtube.com/watch?v=vR0Ne2h0lwE>.

O negro tem uma identidade própria que foi trazida juntamente com o povo africano tornado escravo. Os africanos tiveram de adotar a Língua Portuguesa, porém não se deixaram influenciar totalmente, pois mais ou menos 300 palavras utilizadas no Brasil são de origem africana e fazem parte da Língua Portuguesa falada e escrita.

A literatura afro-brasileira é parte da Literatura Brasileira e se destaca por conter temas que descrevem, afirmam e resgatam os costumes dos negros. Os escritores negros são de extrema importância na Literatura Brasileira, infelizmente, ainda ouvimos falar pouco neles. O conceito de literatura afro-brasileira ainda está em processo de construção, conforme Duarte, pois abrange diversos assuntos relacionados ao negro como sua linguagem, cultura, religião e principalmente seu ponto de vista. (DUARTE, 2014, p. 21).

Com o surgimento do movimento negro, principalmente na década de 1950, a expressão literária foi se estabelecendo e é de suma importância ressaltar que existem diversas tendências literárias dentro da literatura negra. Em cada território do Brasil existe uma experiência em ser negro. Nosso país é constituído por uma população multirracial, porém como em qualquer nação a população apresenta diferentes tipos de vida levando em consideração suas crenças, costumes e a cultura. No tempo da colonização do Brasil havia uma mistura de povos como portugueses, negros e índios, e devemos ressaltar que, analisando o período, observamos que naquela época não havia tempo para escrita, somente para o trabalho e pouquíssimos tinham educação e alfabetização.

A produção literária feita pelos negros não é de agora, ela vem de séculos passados e busca trazer os dramas vividos pelos próprios negros, como a miséria e a exclusão social e étnica. Hoje, temos como exemplo Carolina Maria de Jesus.

A literatura afro-brasileira fala do negro como protagonista da sua própria história, tendo como objetivo expor suas vivências no Brasil, suas ideias, suas reuniões, seus sonhos, trazendo dessa maneira os seus anseios e tentando um reconhecimento que tem por objetivo incluir as obras que apresentam lembranças culturais de matriz africana.

A obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, é uma das obras que impulsiona os negros a escreverem sobre sua realidade, mostrando que ele é o próprio autor da sua história. Carolina Maria de Jesus via a favela como um depósito de lixo e através dessa triste realidade proporciona ao leitor uma reflexão. Com base em Eduardo de Assis Duarte, abaixo estão os cinco pontos que esse autor considera fundamentais para conceituar a produção que se enquadra na literatura afro-brasileira (DUARTE, 2014, p. 29-42).

3.1 Temática

O tema nos ajuda a fortalecer o entendimento de um texto pertencente a literatura afro-brasileira, a temática vem para se referir a inclusão dos hábitos, crenças e heranças trazidas pelos ancestrais africanos, misturando com as multinacionalidades que em nosso país se fazem presentes, fazendo com que a população negra possa criar a sua própria identidade, dando prioridade aos seus sentimentos e vivências. Dessa maneira os afro-brasileiros podem investigar e guardar esse passado e trazer para o presente a história do povo negro.

A literatura afro-brasileira nada mais é que o depoimento do negro falando dos resquícios da escravização e suas dores, onde a maior sequela é a perseguição étnica racial de um povo que a enfrenta até hoje. Surgem os textos retratando o subúrbio, a favela, a crítica, o preconceito, a marginalidade, tudo isso é encontrado nos textos de Carolina Maria de Jesus. É interessante falar que nenhuma escrita literária é ingênuas,

Carolina já alertava sobre os traumas enfrentados pelo negro desde 1961: “Eu sei que vou angariar inimigos, porque ninguém está habituado com esse tipo de literatura” (JESUS, 2001, p. 30).

O lançamento do livro ocorreu em agosto de 1960 e em outubro do mesmo ano já havia alcançado a maior vendagem no país. A narrativa de Carolina contém ironia, antíteses e metáforas, recursos utilizados para dar um sentido real à vida dos favelados. Carolina foi a primeira autora afro-brasileira a relatar a experiência histórica da pobreza e da desigualdade. A autora comenta que a favela mostra essa realidade, explora a violência contra a mulher e a situação das crianças nesse ambiente, quando descreve as brigas que a mesma presenciava.

Para Duarte, o diário de Carolina tem se tornado um instrumento de resistência e justiça, pois ela crê no poder da palavra escrita. (DUARTE, 2014, p. 91). Carolina era uma mulher pobre, negra e favelada, mãe solteira de três filhos (um de cada pai), poderia ter sido apenas uma mulher marcada pelo destino, mas graças a sua escrita teve sua vida transformada em literatura. A experiência de mulher batalhadora que sobrevivia ao catar lixo da cidade chamou muito a atenção na época em estava no poder Juscelino Kubitschek, em que o mesmo prometia inovar o Brasil em pouco tempo. A denúncia em forma de diário abala as estruturas sociais, funcionando como elemento diferenciador: “A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.” (JESUS, 2001, p. 147).

3.2 Autoria

A autoria tem de ser assumidamente negra para representar as próprias vivências. Vem para mostrar as características da literatura afro-brasileira surgida apesar das dificuldades. Inclusive podemos citar Castro Alves como exemplo contrário, o qual, sendo branco e letrado, em seus textos elegeu a temática do abolicionismo, colocando-se no lugar do negro. Existem alguns autores que apesar de afro-

descendentes não reivindicam para si a condição de negro. Ao contrário, Carolina Maria de Jesus se vê, se escreve e se assume negra relatando suas experiências com até certa repulsa ao ambiente do qual vivia.

3.3 Ponto de vista

Segundo Duarte muitos autores renomados, como Machado de Assis são negros, mas em suas produções literárias se escrevem como brancos e, devido a isso suas obras se tornam renomadas. Ele, inclusive afirma que o leitor é preconceituoso, pois autores negros que escrevem e se reconhecem como tais não têm tamanha admiração e reconhecimento. O ponto de vista está na visão do mundo autoral em um texto, fica claro, em um conjunto de valores presentes como forma de manifestar a história cultural e as condições em que a população negra vive. Esses autores evidenciam sua afro-descendência ao invocar essas características em suas escritas.

Duarte cita Maria Firmina dos Reis, uma escritora negra do século XIX que expõe o escravo Túlio como personagem central, e o compara a um dos brancos reconhecidos no meio em que viviam, que também tinha sentimentos, como o jovem negro. Fala usando a voz de Mãe Suzana, uma senhora cativa que relata a sua vida livre na África e a vinda ao Brasil, através de palavras muito chocantes. O ponto de vista, no caso de Machado de Assis, não se colocando a favor da escravidão, sempre de modo tênue, diz Duarte que não visa presunção, mas sim publicação. Machado de Assis dividia opiniões, sendo ele funcionário do governo Imperial, facilitando situações para inúmeros cativos, mas de forma discreta. Sabe-se que Assis era muito mais direto nas crônicas que publicava em jornais da época.

A obra de Carolina Maria de Jesus se enquadra na literatura afro-brasileira quando ela passa a escrever não apenas em relação a ela e sua família, mas com preocupação com todos seus vizinhos da favela, fazendo críticas gerais e representando, com isso, toda uma parcela da população negra brasileira.

3.4 Linguagem

A literatura é construída através da linguagem, mas outros fatores como a estética da escrita, a expressão de valores éticos, culturais, políticos e ideológicos também são levados em consideração.

Conforme Duarte, não existe uma linguagem inocente, existe uma linguagem oculta que esconde o negro, dando a ele nomenclaturas que não o definem. Podemos inclusive observar que na maioria dos casos os negros são representados por personagens que agem de forma má, desonesta e imoral. Desde a Antiguidade até hoje, o negro é apresentado como aquele que não tem futuro, aquele que apresenta comportamento inaceitável, como alguém que não tem voz. A literatura, pela linguagem, verbaliza essa desigualdade social e racial e a expõe.

A publicação dos *Cadernos Negros* contribuiu bastante para a discussão de um conceito de literatura afro, desde 1978. Traz assuntos marcados por protestos na escrita, oferecendo outros ângulos de visão:

Cabelos enroladinhos, enroladinhos. Cabelos de caracóis pequeninos. Cabelos que a natureza se deu ao luxo de trabalhá-los e não simplesmente deixá-los esticados ao acaso. Cabelo pixaim Cabelo de negro. (DUARTE, 2014, p 39)

Conceição Evaristo, escritora negra da atualidade, descreve em suas obras a revolta das mulheres que transitam por espaços de diferentes culturas e ambientes com diversas pessoas que sofrem preconceitos, e ressalta o belo exemplo de Carolina Maria de Jesus pela sua escrita, sua linguagem, sua coragem por se enxergar e se escrever como mulher negra, se valorizando como tal.

A escolha das palavras é um elemento importante e, no caso de Carolina, a linguagem dos diários comunica e é poderosa, mesmo não se enquadrando no português da norma culta. Sua escrita revela outra condição própria da população negra: a baixa escolaridade a que tem acesso. Pode-se perceber que ela fez uma escolha de cunho social ao escrever: “Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, os mendigos, que são escravos da miséria” (JESUS, 2001, p. 54). Segundo Duarte, parece se configurar como objeto de escrita de Carolina Maria de

Jesus aqueles que como ela sobreviviam de catar material a ser reciclado, mas não catavam felicidade.

3.5 Público

Duarte ressalta que os autores afro-brasileiros desejam atingir com essa literatura um leitor crítico negro/negra, em primeiro lugar, que consiga ver e entender todo o tipo de desigualdade e preconceito pelo qual passa, e ao mesmo tempo é como um “tapa na cara” para mostrar que o negro também é leitor, é escritor e que o direito da escritura e da leitura não é só para os brancos, mas de todos os que têm interesse, e que a população negra na atualidade veio para conquistar seu espaço e para dar um basta no preconceito.

Dessa maneira, podemos concluir que a literatura afro-brasileira vem para mostrar o lugar do negro, a posição social que ele ocupa hoje, para calar os estereótipos e mostrar que o negro, seja homem ou mulher, tem a mesma capacidade que o branco, como Carolina vem nos mostrando desde o ano de 1960, em *Quarto de despejo* – Diário de uma favelada. O livro foi pouco lido pelos pobres e não os influenciou na relação com os favelados em geral. Ela falava da miséria e ao mesmo tempo clamava com força por mudanças na vida de todos, era contraditória, pois ao mesmo tempo em que falava mal de seus vizinhos e companheiros, Carolina lutava por condições melhores ao expor sua vida em seus escritos. Morar na favela era como estar condenado duas vezes à pobreza estabelecida pelo padrão econômico e pelo modelo de ocupação das cidades grandes.

4 QUARTO DE DESPEJO NA LITERATURA MEMORIALISTA

Para o estudioso Philippe Lejeune (2008), a maior característica de um diário é a data, pois é isso que dá forma a um diário; os registros feitos diariamente ou não com data, local e hora mostram que esse gênero textual está preso ao presente em que é escrito (LEJEUNE, 2008, p. 260).

Trata-se de escrita feita pelo próprio autor, expressando sua individualidade e intimidade. Assim como as obras de arte, o diário só tem um exemplar. Quando surgiram os diários eles eram tornados coletivos e públicos, sendo uma prática de pessoas eminentes na sociedade. Desde o século XVIII, porém, o diário passa a ser também uma forma de expressão de uma pessoa comum, onde ela relata os momentos da sua vida e seus pensamentos.

O diário não tem um remetente externo, é uma comunicação de um eu para consigo mesmo. Ele é a prova escrita de nossos momentos de dor e alegrias, também uma maneira de recordar, reviver alguns momentos significativos em nossa vida. As anotações feitas em diários constroem memórias, tornam o nosso pensamento livre, aberto, e é através da escrita que conseguimos expressar tudo que sentimos e pensamos. Podemos inclusive salientar que os diários não servem apenas para a nossa vida pessoal, algumas profissões tem o diário como um instrumento de trabalho.

Dentro da Literatura Memorialista existem várias formas de texto, como as cartas, as memórias, as biografias e as autobiografias, os romances autobiográficos, e os diários, todas elas descrevendo dados e fatos da vida de uma pessoa, quase sempre se identificando como autor e aquele ou aquela que viveu e pensou o que se narra ou registra. Nela, temos a pessoa narrando a sua própria história de vida e, durante essa escrita o autor pode se identificar ou pode ser o que chamamos de escritor fantasma.

A Literatura Memorialista busca trazer para o presente os relatos e fatos do passado por meio de uma expressão poética ou funcional, que comunica diretamente. A diversidade dessa literatura que reconta memórias é, na maior parte das vezes, tecida

pelo narrador-protagonista. Somente nas biografias é que se tem um autor que junta os dados da vida de alguém e os transforma em narrativa.

Segundo Lejeune, a linguagem utilizada para rememorar é mais formal porque sempre está ligada a um distanciamento do passado. Já o diário é escrito de modo coloquial trazendo assim um sentido real e próximo dos acontecimentos. (LEJEUNE, 2008, p. 262).

Podemos mencionar a autora Carolina Maria de Jesus que em suas obras se mostra uma autora muito produtiva, contando sua trajetória através de memórias, diários e poesia, onde a mesma mescla fatos reais com o seu imaginário. A autora expressa no livro *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*, suas emoções mais profundas, sua luta diária pela sobrevivência e suas experiências subjetivas. Através das memórias contadas por Carolina podemos perceber e compreender todos os traumas que a escritora passou na favela e na sua vida desde a infância, até que o diário torna sua vida um texto autobiográfico mundialmente conhecido.

Hoje em pleno século XXI podemos recuperar essas escritas autobiográficas e fazer um paralelo com a atualidade, percebendo que muita coisa ainda não mudou, ressaltamos que em nosso cotidiano sempre que usamos a nossa memória fazemos uma relação com o acontecido e a realidade atual.

Ao lado das recordações de Carolina conseguimos perceber nos detalhes da prosa o quão humilhante era ser negro e pobre. Ao mesmo tempo as recordações de Carolina servem para mostrar que o preconceito continua tanto pela cor quanto pela sexualidade, pois mulheres negras e pobres não têm oportunidades e não são visualizadas pela sociedade. Percebemos isso na obra de Carolina, sua fala deixa bem claro o quanto era desprezada e humilhada.

Carolina Maria de Jesus era uma anônima até a publicação do seu primeiro livro, um diário, que é uma obra memorialista escrita pela mulher negra, mãe solteira, pouco instruída e moradora da favela do Canindé, São Paulo, na década de 1950. As memórias de Carolina nos fazem refletir sobre todo o sofrimento que a escritora passou e que muitos brasileiros ainda enfrentam.

“O diário é uma rede de tempo, de malhas mais ou menos cerradas”, diz Lejeune (LEJEUNE, 2008, p. 260), pois deixa registrada uma série de vestígios temporais. Na obra desse autor que estudamos, ele pergunta e responde qual seria a utilidade que a

escrita de um diário, por alguém, pode desempenhar (LEJEUNE, 2008, p. 261-264). Entendemos que todos esses motivos se aplicam ao caso da autora Carolina Maria de Jesus. São eles:

- Conservar a memória

Conservar a memória através de um diário é lembrar nossas vivências para mantê-las vivas no futuro. É buscar informações, referências e existências sejam da atualidade ou do passado, que serão lidas e associadas ao meu presente, sendo que ninguém, ao menos eu, poderei fazer essas ligações. Terei um testemunho das minhas experiências, construção da minha memória cotidiana para ler e reviver no momento que eu quiser. O diário será sempre uma memória viva na minha vida, diz o autor (LEJEUNE, 2008, p 262). Vemos um exemplo que explicita o sentido de conservação:

[...] quando eu era menina meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para minha mãe.
-Por que a senhora não fez eu virar homem?
-Se você passar por debaixo do arco-iris você vira homem.

Quando o arco-iris surgiu eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-iris estava sempre distanciando. Igual a político distanciando do povo, eu cansava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cansar. Não deve chorar, deve lutar para melhorar o Brasil para nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para mamãe:
-o arco-iris foge de mim. (JESUS, 2001, p. 48).

[...] o que eu acho interessante é quando alguém entra num bar ou empório logo aparece um que oferece pinga. Porque não oferece um quilo de arroz, feijão, doce etc.?
...tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice.

Eu não tenho que dar satisfação a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do em álcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer:

-Muito bem, Carolina! (JESUS, 2001, p. 65).

- Sobreviver

Manter um diário é sobreviver ao longo do tempo, através das memórias, trazendo para o presente as vivências, lembranças e experiências guardadas no nosso passado para contribuir e construir uma lembrança e um conhecimento futuro. Também as dificuldades da existência encontram num diário uma expressão e fazem o autor/a autora “sobreviver”:

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela. (JESUS, 2001, p. 19)

Ganhei bananas e mandiocas na quitanda da rua Guaporé. Quando eu voltava para a favela, na avenida Cruzeiro do Sul 728 uma senhora pediu-me para eu ir jogar um cachorro morto dentro do Tietê que ela dava-me 5 cruzeiros. Deixei a Vera com a mulher e fui. O cachorro estava dentro de um saco. A mulher ficou observando os meus passos à paulista. Que quer dizer andar depressa. Quando ela me deu-me 6 cruzeiros. Quando recebi os 6 cruzeiros pensei: já dá para comprar um sabão. (JESUS, 2001, p. 78)

- Desabafar

O diário é um amigo oculto, confidente, o papel torna-se um companheiro no qual se pode desabafar sobre sentimentos, emoções, decepções, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças, alegrias sem constranger ninguém. Serve como um

espaço de refúgio da realidade, da pressão social, contribuindo para a paz e o equilíbrio de quem escreve, trazendo o eu individual mais leve para o mundo real.

Mandei o meu filho João José no Arnaldo comprar açúcar e pão. Depois fui lavar roupas. Enquanto as roupas corava eu senti na calçada para escrever. Passou um senhor e perguntou - me:

-O que escreve?

-Todas as lembranças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana.

Ele disse:

-Escreve e depois dá a um crítico para fazer a revisão.

(JESUS, 2001, p. 20)

Eu ouvi dizer que vocês lá da favela vivem uns roubando os outros. Quando elas fala não saber dizer outra coisa a não ser roubo. Percebi que foi ela quem queimou meus sacos. Resolvi retirar com nojo delas. Alias já tinha me dito que eles são uns portugueses malvados. Que a D. Elvira nunca fez um favor a ninguém. Para eu ficar prevenida. Não estou ressentida. Já estou tão habituada com a maldade humana.

(JESUS, 2001, p. 25)

- Conhecer-se

O diário é como uma autobiografia, o papel serve como um espelho de nós mesmos, no qual se pode escrever e ter um olhar com distanciamento sobre nossa imagem, nos dá a possibilidade de rever nossos erros e contradições, analisando, questionando e explorando nossos conhecimentos, vivências, como uma viagem, a qual contribui para uma imagem de si própria.

- Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.

- Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler. O seu João deu cinquenta centavos para cada menino. Quando ele me conheceu eu tinha só dois meninos.

Ninguém tem me aborrecido. Graças a Deus.

(JESUS, 2001, p. 23)

Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minha'alma dolorida. Ao Deus que me proteja, envio os meus agradecimentos. (JESUS, 2001, p. 17)

- Deliberar

O diário serve para fazermos uma reflexão do que foi escrito no passado para agirmos no futuro, ele contribui para uma tomada de decisões, sendo para se tomar uma resolução ou para mostrar a indecisão perante algumas situações. A escrita no diário faz com que o “eu” possa repensar sobre o que foi escrito e vivido, anotando fatos e reflexões que podem ser reconsideradas no futuro.

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da abolição. Dia que comemoramos a liberdade dos escravos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome.

Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. Então nos trata com despreso. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes. (JESUS, 2001, p. 27)

Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (JESUS, 2001, p. 35)

- Resistir

A escrita no diário serve com um suporte de apoio, esperança, ânimo para resistir as diversas situações difíceis que possam aparecer no decorrer da trajetória de alguém.

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa a pensar nas misérias que nos rodeia [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades [...] É preciso

criar todo este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama.

E as horas que sou feliz é quando resido nos castelos imaginários. (JESUS, 2001, p. 52)

Eu sou muito alegre. Todas as manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço. (JESUS, 2001, p. 23)

- Pensar

O diário faz o “eu” mesmo pensar mais livremente, com a mente aberta para a criação, reflexão, atingindo um determinado resultado, podendo assim ser considerado também como um método de trabalho e de sobrevivência. Eis o exemplo:

Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas não eu não tenho nada para comer. Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que tem esta vida? O que eu posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos.

[...] Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É lingüiça enlatada. Penso: É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganância de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados. (JESUS, 2001, p. 29)

- Escrever

O diário só existe porque se aprecia escrever, é uma libertação. O papel sobrevive ao ser que escreveu, a escrita é livre, sem medo de cometer incorreções. O diário ao ser escrito, se torna um testemunho da vida, sem correções. Geralmente quem

escreve não quer aparecer, mas pretende deixar um registro de sua experiência, uma marca de sua passagem. É o que fez a autora Carolina Maria de Jesus e ao escrever sua vida, deu voz a uma enorme parcela de brasileiros e brasileiras.

Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. Etudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos.

(JESUS, 2001, p. 17)

Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintale escrevo...Vendi o papel, ganhei 140 cruzeiros. Trabalhei em excesso, senti-me mal. Tomei umas pílulas de vida e deitei. Quando eu ia dormir despertava com a voz do senhor Antonio Andrade discutindo com a esposa. (JESUS, 2001, p. 19-20)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou dar mais visibilidade as memórias de Carolina Maria de Jesus, as quais contem relatos da sua situação de miséria, fome, solidão e preconceito.

Na pesquisa que realizamos neste TCC, o primeiro capítulo apresenta a vida da escritora Carolina Maria de Jesus desde seu nascimento em 14 de março 1914 até sua morte, a trajetória triste de suas vivências, com uma personalidade muito forte não deixando de falar o que pensava e isto a afastava de muitas pessoas, tendo ela passado por muitas etapas de sofrimento e abandono. Sendo ela mãe solo de três filhos de relacionamentos diferentes, para a época de 1950 era muito desafiador. Ser solteira, negra e mulher pobre enfrentando grandes desafios, foi a luta pela sua sobrevivência e de seus filhos que a fez agir, sem nunca perder as esperanças de uma mulher por seus direitos, pois eles dependiam unicamente dela. Morava em uma favela do Canindé, na capital paulista, São Paulo. Ali viveu suas tristezas, amarguras e solidão, mas jamais perdeu o foco de criar e alimentar seus filhos; catava no lixo tudo que pudesse ser aproveitado para vendas e dali tirar o seu sustento. Foi ali que começou a recolher cadernos com folhas em branco e guardar para escrever um diário onde marcava tudo que passava durante o dia. Por meio de suas escritas podemos observar o quão difícil foi sua vida e ver a garra de uma mulher negra e semi-analfabeta.

O segundo capítulo traz a importância de seus escritos na Literatura Afro-Brasileira, mostrando como eles se encaixam nas suas características. Carolina escrevia suas vivências de uma maneira muito forte, mostrando os efeitos da negritude e da pobreza sobre como ela via e vivia. Segundo Conceição Evaristo, o negro ou a negra que escreve e fala de si mesmo e sua vida, mostra uma experiência própria. Passa a ter sua “escrevivência” - palavra que a própria autora Conceição Evaristo criou. A autora foi como se arrebentasse a porta aos muros para ser reconhecida como uma escritora que contribuiu muito para essa literatura negra.

Na luta pela representação afro-brasileira, o autor se coloca em sua obra, fala de si mesmo e suas relações sociais, com a própria história de vida, se colocando não mais como objeto estereotipado, mas como sujeito que é. A autora Carolina assume esse papel de negra escrevendo suas vivências, com certa aversão ao lugar onde morava, segundo Evaristo. Autores negros que escrevem e se assumem como tal não adquirem

grande admiração e reconhecimento perante a sociedade. Mas Carolina Maria de Jesus quebrou esse conceito ao se expor, ao se manifestar falando da condição do negro na sociedade brasileira, deixando muito claro sua negritude, ao mostrar sua origem, ao mencionar também Maria Firmina dos Reis, uma escritora negra do século XIX.

Falando sobre Maria Firmina dos Reis, ao citar a personagem mãe Suzana criada por ela, e sobre Machado de Assis que falava de forma implícita defendendo os escravos cativos, o diário de Jesus revela a autoria própria quando ela cita não somente ela e seus filhos, mas tem preocupação com todos os vizinhos da favela, ao criticar o governo por não dar a devida atenção aos menos favorecidos, como grande parte da população negra brasileira. A autora teve a coragem de olhar e escrever como mulher negra, se valorizando, mesmo não escrevendo no padrão da norma culta, ela comunicou em seus diários a situação da população negra.

O terceiro capítulo revela a maior característica de um diário que são registros feitos diariamente com data e, muitas vezes até o horário e local, sendo escritos pelo próprio autor, num texto incluído na chamada literatura confessional.

Temos Carolina Maria de Jesus em sua obra *Quarto de despejo* – diário de uma favelada, onde se mostra uma escritora maravilhosa mostrando sua trajetória por meio de registros onde mistura seu imaginário com acontecimentos reais. Por meio de suas memórias podemos perceber e compreender todos os dramas que ela passou na favela do Canindé até transformar sua vida em uma autobiografia conhecida no mundo todo, pois foi traduzida em mais de 14 línguas. e tornou-se conhecida por todo o Brasil. A Literatura Memorialista traz até nós uma verdade por meio dos relatos das memórias vividas, o que é feito muitas vezes com voz poética. As memórias da autora foram escritas para a compreensão sobre si mesma e sobre a sociedade na qual vivia. Notamos que em pleno século XXI se pode resgatar essas autobiografias e traçar um paralelo comparando com o atual momento e notar que não mudou muito.

Carolina Maria de Jesus era uma desconhecida até que o jornalista Audálio Dantas a encontrou e conheceu seus escritos registrados em entre trinta a quarenta cadernos, era algo que ele publicaria como uma grande obra memorialista. Ela era pouco instruída, mas tinha uma visão de grande alcance. Audálio Dantas começou a publicar trechos de seu diário em jornais, durante seis meses, até seu livro ser publicado. Na época, não se

podia falar mal dos governantes, e a voz vinda de uma mulher negra e pobre causou uma impressão profunda.

O objetivo deste TCC foi destacar a garra e a coragem da autora que mesmo passando por diversas situações não se deixou vencer pela miséria. Mesmo vivendo em um ambiente precário e ameaçador, conseguiu se tornar uma escritora mundialmente conhecida e reconhecida pela sua produção narrativa e reflexiva, pois ela muito pensou sobre as condições políticas brasileiras e de injustiça social existentes no país. A solidão e a pobreza existem para todos, mas a população negra, junto às dificuldades econômicas, enfrenta o preconceito e a falta de oportunidades. Carolina usou a literatura para expor todo seu sofrimento, possibilitando assim visibilizar o preconceito e a negligência social, educacional e estrutural que permanecem vivos na organização social brasileira. Hoje, mais do que nunca, mesmo com todos os avanços, existem muitas mulheres negras que precisam ser ouvidas.

1 de julho... Eu percebo que se este diário for publicado vai magoar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar. (JESUS, 2001, p. 69)

6 REFERÊNCIAS

DUARTE: Eduardo de Assis (Coord.). *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FERNANDES, Marcio, BASSANI, Sandra D. e HORST, Scheyla. Os castelos imaginários de Carolina: escrita, leitura e tecnologias do poder. In: WITZEL, Denise G. e TEIXEIRA, Nícia Cecília R. Borges. (Orgs.) *Quarto de despejo: olhares sobre a obra de Carolina de Jesus*. Ponta Grossa, PR: Ed. UEPG, 2018. (p. 97-113)

GONÇALVES, Maria A. Rezende (Org.). *Educação, cultura e literatura afro-brasileira: contribuições para a discussão da questão racial na escola*. Rio de Janeiro: Quartet: NEAB-UERJ, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*. 8ª. ed. São Paulo: Ática, 2001.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria – diário de uma ex-favelada*. 5ª. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico – de Rousseau à Internet*. NORONHA, Jovita M. G. (Org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

WITZEL, Denise G. e TEIXEIRA, Nícia Cecília R. Borges. (Orgs.) *Quarto de despejo: olhares sobre a obra de Carolina de Jesus*. Ponta Grossa, PR: Ed. UEPG, 2018.

WITZEL, Denise G. e TEIXEIRA, Nícia Cecília R. Borges. Presença de Carolina no cenário literário das impossibilidades. In: WITZEL, Denise G. e TEIXEIRA, Nícia Cecília R. Borges. (Orgs.) *Quarto de despejo: olhares sobre a obra de Carolina de Jesus*. Ponta Grossa, PR: Ed. UEPG, 2018. (p. 15-28)

Referências Virtuais:

DUARTE, Eduardo de Assis, Palestra sobre “Conceição Evaristo: memória, ficção, poesia” – 01/04/2021 - <https://www.youtube.com/watch?v=Kd19h9m4BfE> acesso em março 2022.

DUARTE, Eduardo de Assis. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>, acesso em 08/02/2021.

JESUS, Carolina Maria de e a Literatura. Webnário 6 - (<https://www.youtube.com/watch?v=nGI6MOd-wEo>), acesso em 01/02/2022.

JESUS, Carolina Maria de: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/carolina-maria-jesus.htm>, acesso em 17/01/2021.

JESUS, Carolina Maria de. Título Dr. Honoris Causa <https://observatorio3setor.org.br/noticias/ufrj-reconhece-carolina-maria-de-jesus-como-doutora-honoris-causa>, acesso em 16/04/2021.

XONGANI, Ana Paula. Você sabe o que é racismo estrutural? | Conversas Gostosas <https://www.youtube.com/watch?v=IFx6qSe7We8> - consulta em 02/01/2021.

Quem foi Carolina Maria de Jesus.
<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/03/quem-foi-carolina-maria-de-jesus>, acesso em 28/12/2020.